

Aqui estou

Jonathan Safran Foer

Aqui estou

Tradução de Joana Neves

*Ao Eric Chinski,
que me lê,
e à Nicole Aragi,
que me guia*

Índice

- I. Antes da guerra 11
- II. Aprender a impermanência 163
- III. Usos de um punho judeu 237
- IV. Quinze dias de cinco mil anos 335
- V. Não ter escolha também é uma escolha 351
- VI. A destruição de Israel 519
- VII. A Bíblia 561
- VIII. Casa 635

I. Antes da guerra

Voltar à felicidade

Quando começou a destruição de Israel, Isaac Bloch ponderava se se deveria matar ou mudar-se para o lar judaico. Vivera num apartamento com livros até ao tecto e tapetes tão grossos que serviam para esconder dados; depois num quarto e meio sem soalho; em chãos de florestas, sob estrelas indiferentes; debaixo das tábuas do chão de um cristão que, a meio mundo e meio século de distância, teria uma árvore plantada para comemorar a sua rectidão; num buraco durante tantos dias que nunca conseguiria esticar completamente os joelhos; com ciganos e membros da resistência e polacos meio decentes; em campos de migrantes, refugiados e desalojados; num barco com uma garrafa com um barco que um agnóstico com insónias construíra miraculosamente lá dentro; do outro lado de um oceano que nunca atravessaria por completo; por cima de meia dúzia de mercearias que se matou para arranjar e vender com pouco lucro; ao lado de uma mulher que verificava as fechaduras até as partir e que morreu de velhice aos quarenta e dois anos sem uma sílaba de louvor na garganta, mas com as células da mãe assassinada ainda a dividirem-se no seu cérebro; e, finalmente, no último quarto de século, numa casa desnivelada em Silver Spring, tranquila como um globo de neve: quatro quilos e meio de Roman Vishniac¹ a perder a cor na mesinha de café; *Inimigas e Amantes* a desmagnetizar dentro do último leitor de videocassetes funcional do mundo; salada russa a transformar-se em gripe das aves dentro de um frigorífico mumificado com fotografias de netos lindos, brilhantes e sem tumores.

¹ Fotógrafo norte-americano de origem russa que captou a cultura e o quotidiano da vida nas aldeias judaicas da Europa Central e de Leste antes do Holocausto, onde estas comunidades foram quase totalmente extintas. (*N. da T.*)

Os horticultores alemães tinham podado a árvore de família de Isaac até ao solo da Galícia de onde brotara. Mas, com sorte e intuição e sem qualquer ajuda dos céus, transplantara as suas raízes para os passeios de Washington, DC, e vivera o suficiente para ver novos ramos a crescer. E, a não ser que a América se voltasse contra os judeus — *até se voltar*, corrigiria o seu filho, Irv —, a árvore continuaria a dar ramos e a florescer. É claro que, nessa altura, Isaac já estaria outra vez num buraco. Nunca esticaria os joelhos, mas, com a sua idade desconhecida, e por muito próximas que estivessem as desconhecidas indignidades futuras, era altura de abrir os seus punhos judeus e conceder que era o início do fim. A diferença entre conceder e aceitar é a depressão.

Mesmo sem considerar a destruição de Israel, vinha numa altura muito inconveniente: faltava só um mês para o *bar mitzvá*¹ do neto mais velho, que Isaac usara para marcar como meta da sua vida desde que passara a meta anterior do nascimento do neto mais novo. Mas não se consegue controlar quando a alma de um velho judeu vai deixar o seu corpo e o seu corpo vai deixar o tão desejado T1 para o próximo corpo da lista de espera. Também não se pode apressar nem atrasar a maturidade. Por outro lado, a compra de uma dúzia de bilhetes de avião sem direito a devolução, a reserva de um salão do Washington Hilton e o pagamento de vinte e três mil dólares como depósito de um *bar mitzvá* que está agendado desde os últimos Jogos Olímpicos de Inverno não garantem que vá acontecer.

Um grupo de rapazes deambulava pelos corredores da sinagoga Adas Israel, a rirem-se e a darem murros uns aos outros, com

¹ Literalmente, «filho dos Mandamentos», cerimónia pela qual um jovem judeu, aos treze anos, se torna homem e é considerado moralmente responsável pelos seus actos. Durante a cerimónia, o *bar mitzvá* é chamado pela primeira vez a ler em voz alta uma porção da Torá, texto central do judaísmo, que contém os primeiros cinco livros do Antigo Testamento. À cerimónia equivalente para raparigas, dá-se o nome de *bat mitzá*. (*N. da T.*)

o sangue a correr dos cérebros em crescimento para os genitais em crescimento e de volta ao cérebro, no jogo de soma nula da puberdade.

— Mas a sério — disse um, com o *s* a ficar preso no aparelho —, a única coisa boa dos broches são as punhetas molhadas.

— Ámen, mano.

— Senão, 'tás só a foder um copo de água com dentes.

— E isso não vale a pena — disse um miúdo ruivo que ainda se arrepiava só de pensar no epílogo de *Harry Potter e os Talismãs da Morte*.

— É niilista.

Se Deus existisse e julgasse, Ele perdoaria tudo a estes rapazes, sabendo que eram impelidos por forças exteriores dentro de si mesmos, e que também eles eram feitos à Sua imagem.

Silêncio enquanto abrandavam para ver Margot Wasserman a sorver água do bebedouro. Dizia-se que os pais dela tinham dois carros estacionados à porta da garagem para três carros, porque tinham cinco carros. Dizia-se que o spitz alemão dela ainda tinha os tomates e que eram do tamanho de cebolas.

— *Meu Deus*, quem me dera ser aquela merda de bebedouro — disse um rapaz com o nome hebraico Peretz-Yizchak.

— Quero ser o bocado que falta daquelas cuequinhas abertas.

— Quero encher a pila de mercúrio.

Uma pausa.

— O que raio quer isso dizer?

— Tipo — disse Marty Cohen-Rosenbaum, nascido Chaim ben Kalman —, 'tão a ver... fazer da minha pila um termómetro.

— Mas como, ias pôr-lhe *sushi*?

— Ou injectava ou tipo uma cena qualquer. Meu, não 'tás a topar?

Quatro movimentos a acenar e as suas cabeças atingiram uma sincronicidade accidental, como espectadores de um jogo de pingue-pongue.

Num murmúrio:

— *Para a meter no cu dela.*

Os outros tinham a sorte de ter mães do século XXI que sabiam que a febre se tirava com termómetros digitais, pelo ouvido. E Chaim teve a sorte de terem visto Sam antes de os outros rapazes lhe atirarem com uma alcunha de que nunca se livraria.

Sam estava sentado no banco à porta do escritório do rabi Singer, de cabeça baixa e olhos fixos nas mãos viradas para cima, como um monge à espera de ser imolado. Os rapazes pararam, dirigindo contra ele o ódio que sentiam por si mesmos.

— Sabemos o que escreveste — disse um deles, espetando um dedo no peito de Sam. — Foste longe de mais.

— És mesmo marado, mano.

Era estranho, porque os suores descontrolados de Sam só começavam quando a ameaça passava.

— Eu não escrevi isso, e não sou teu — sinais com as mãos a indicar aspas —, *mano*.

Podia ter dito isso, mas não disse. Também podia ter explicado porque nada era o que parecia. Mas não explicou. Em vez disso, limitou-se a aceitar, como fazia sempre, na merda que era a vida deste lado do ecrã.

Do outro lado da porta do rabi, do outro lado da secretária do rabi, estavam os pais de Sam, Jacob e Julia. Não queriam estar ali. Ninguém queria estar ali. O rabi precisava de compor umas palavras que parecessem atenciosas acerca de um tal de Ralph Kremberg antes de o enterrarem, às duas da tarde. Jacob preferia estar a trabalhar na bíblia dos *Eternos Moribundos*, ou a vasculhar a casa toda à procura do telemóvel desaparecido, ou pelo menos a puxar a alavanca que é a Internet para receber a sua dose de dopamina. E este era supostamente o dia de folga de Julia: era o oposto de uma folga.

— O Sam não devia estar aqui? — perguntou Jacob.

— Acho que é melhor termos uma conversa entre adultos — retorquiu o rabi Singer.

— O Sam é adulto.

— O Sam *não* é adulto — contrapôs Julia.

— Porque ainda lhe falta decorar três versos das bênçãos depois das bênçãos depois da sua *haftorá*¹?

Julia ignorou Jacob e pousou a mão na secretaria do rabi.

— É claro que não podemos aceitar que ele fale assim com os professores, e queremos encontrar uma forma de corrigir tudo isto.

— Mas, ao mesmo tempo — disse Jacob —, a suspensão não é um bocado draconiana para aquilo que, visto de uma perspectiva mais ampla, nem sequer é nada de *tão* grave?

— Jacob...

— O que foi?

Num esforço para comunicar com o marido e não com o rabi, Julia apertou dois dedos contra a testa e abanou suavemente a cabeça enquanto enchia as narinas. Parecia mais uma treinadora de beisebol do que uma esposa, mãe e membro da comunidade a tentar impedir que o oceano destruísse o castelo de areia do filho.

— Adas Israel é uma *shul*² progressiva — disse o rabi, o que levou Jacob a revirar os olhos, um gesto tão reflexo como o refluxo. — Temos uma longa história, da qual nos orgulhamos, de ver mais além das normas culturais de qualquer momento histórico e de encontrar a luz divina, o *Ohr Ein Sof*, em cada pessoa. Aqui, usar insultos raciais é algo mesmo muito grave.

— *O quê?* — perguntou Julia, corrigindo a sua postura.

— Não pode ser verdade — insurgiu-se Jacob.

O rabi fez um suspiro rabínico e, com a ponta dos dedos, deslizou um papel pela secretária na direcção de Julia.

— Ele *disse* estas coisas? — perguntou Julia.

— Escreveu-as.

— Escreveu *o quê?* — perguntou Jacob.

Abanando a cabeça, incrédula, Julia leu calmamente a lista:

¹ Porção da Torá lida semanalmente durante os serviços religiosos de sábado, e pelo *bar mitzvá* na sua cerimónia. (*N. da T.*)

² Escola de língua, cultura e religião judaicas, normalmente numa sinagoga. (*N. da T.*)

— Porco árabe, chinoca, puta, paneleiro, monhé, porco judeu, a palavra ofensiva usada contra negros e que começa por *n*¹...

— Ele escreveu isso? — perguntou Jacob. — Ou a palavra em si, *mesmo*?

— A palavra em si — explicou o rabi.

Embora o problema do filho devesse ter tido precedência na sua mente, Jacob deixara-se distrair pelo facto de esta ser a única palavra que não podia ser enunciada.

— Deve haver algum mal-entendido — disse Julia, passando finalmente o papel a Jacob. — O Sam trata de animais feridos até...

— *Espanholada*? Isso não é um insulto racial. É um acto sexual. Acho eu. Talvez seja.

— Nem todos são insultos raciais — disse o rabi.

— Sabe, tenho quase a certeza que «porco árabe» é um acto sexual também.

— Se assim o diz.

— O que quero dizer é que talvez estejamos a interpretar mal esta lista.

Ignorando o marido, uma vez mais, Julia interrogou:

— O que é que o Sam disse acerca disto?

O rabi afagou a barba, à procura de palavras como um macaco procura piolhos.

— Negou-o. Categoricamente. Mas estas palavras não estavam lá antes da aula, e ele é o único que se senta àquela secretária.

— Não foi ele — negou Jacob.

— É a letra dele — observou Julia.

— Os rapazes de treze anos têm todos a mesma letra.

O rabi disse:

— Ele não conseguiu explicar como é que elas foram lá parar.

— Nem tinha obrigação de o fazer — interveio Jacob. — E, já agora, se o Sam tivesse *mesmo* escrito essas palavras, porque é que

¹ Em inglês, *nigger*, «preto», palavra pejorativa e com uma forte carga histórica. (N. da T.)

as havia de ter deixado na secretária? O atrevimento prova a inocência dele. Como no *Instinto Fatal*.

— No *Instinto Fatal*, a culpada era ela — lembrou Julia.

— Era?

— O picador de gelo.

— Pois, é verdade. Mas isso era um filme. É óbvio que algum miúdo realmente racista, que tem alguma coisa contra o Sam, as pôs lá para o incriminar.

Julia dirigiu-se directamente ao rabi:

— Vou garantir que o Sam compreende porque é que aquilo que escreveu é tão ofensivo.

— Julia — disse Jacob.

— Um pedido de desculpas ao professor seria suficiente para não cancelar o *bar mitzvá*?

— Era isso mesmo que ia sugerir. Mas infelizmente já se espalhou a palavra sobre estas palavras por toda a comunidade. Por isso...

Jacob expirou ruidosamente, frustrado — um gesto que tinha ou ensinado a Sam ou aprendido com ele.

— Ofensivo para *quem*, já agora? Há uma grande diferença entre partir o nariz a alguém e dar murros no ar.

O rabi observou Jacob atentamente. Perguntou:

— O Sam tem tido problemas em casa?

— Tem tido demasiados trabalhos de casa — começou Julia.

— Ele *não* fez isto.

— E tem estado a preparar-se para o *bar mitzvá*, o que lhe ocupa, pelo menos em teoria, mais uma hora por noite. E tem o violoncelo e o futebol. E o irmão mais novo, o Max, está a passar por uns dilemas existenciais, o que tem sido difícil para todos nós. E o mais novo de todos, o Benjy...

— Parece que ele tem muitas preocupações — disse o rabi.
— E compreendo isso. Exigimos muito aos nossos filhos. Mais do que alguma vez nos foi exigido a nós. Mas não há lugar para racismo nesta sinagoga.

— É claro que não — disse Julia.

— Espere. Agora está a chamar *racista* ao Sam?

— Não disse isso, Sr. Bloch.

— Claro *que disse*. Acabou *de dizer*. Julia...

— Não me lembro das palavras exactas do rabi.

— Eu disse: «Não há lugar para racismo nesta sinagoga.»

— O racismo é aquilo que é expresso por racistas.

— Alguma vez mentiu, Sr. Bloch?

Como que por reflexo, Jacob procurou mais uma vez o telemóvel no bolso do casaco.

— Parto do princípio de que, como qualquer pessoa no mundo, o senhor já mentiu. Mas isso não faz de si um mentiroso.

— Está a chamar-me mentiroso? — perguntou Jacob, com os dedos a segurar nada.

— Está aos murros no ar, Sr. Bloch.

Jacob voltou-se para Julia.

— Sim, é claro que a palavra ofensiva usada contra negros é má. Má, má, muito má. Mas foi uma palavra entre muitas.

— Achas que o contexto mais amplo de misoginia, homofobia e perversão faz que seja *melhor*?

— Mas ele *não fez isto*.

O rabi mudou de posição na cadeira.

— Vou ser franco, se me permitem. — Fez uma pausa, a remexer no interior da narina com uma atitude de negação plausível, antes de prosseguir: — Não deve ser nada fácil para o Sam... ser neto de Irving Bloch.

Julia recostou-se e pensou em castelos de areia e no portão do altar xintoísta que foi dar à costa no Oregão, dois anos depois do *tsunami*.

Jacob voltou-se para o rabi.

— O quê?

— Enquanto exemplo para uma criança...

— Isto vai ser bonito.

O rabi dirigiu-se a Julia.

— De certeza que compreende o que quero dizer.

— Compreendo.

— Não compreendemos *nada*.

— Talvez se o Sam não tivesse a impressão de que dizer seja o que for, independentemente de...

— Leu o segundo volume da biografia de Lyndon Johnson por Robert Caro?

— Não, não li.

— Bom, se fosse um rabi cosmopolita, e tivesse *de facto* lido essa biografia clássica, saberia que as páginas 432 a 435 são dedicadas a explicar como Irving Bloch fez mais do que qualquer outra pessoa em Washington, ou em *qualquer parte do país*, para assegurar a aprovação da Lei do Direito ao Voto. É o exemplo que qualquer miúdo gostaria de *encontrar*.

— Um miúdo não devia ter de procurar — disse Julia, a olhar em frente.

— Agora... é verdade que o meu pai fez um *post* lamentável no seu blogue? Sim. É verdade. Foi lamentável. Ele lamenta-o. É um verdadeiro bufete à descrição de arrependimento. Mas dar a entender, como o está a fazer, que a sua rectidão é qualquer outra coisa que não uma inspiração para os netos...

— Com o devido respeito, Sr. Bloch...

Jacob voltou-se para Julia.

— Vamos embora.

— Vamos mas é fazer aquilo de que o Sam realmente precisa.

— O Sam não precisa de nada deste sítio. Foi um erro obrigá-lo a fazer o *bar mitzvá*.

— O quê? Jacob, nós não o obrigámos. Podemos tê-lo *orientado* para isso, mas...

— Orientámo-lo para a circuncisão. O *bar mitzvá* foi mesmo obrigá-lo à força.

— Há dois anos que o teu avô anda a dizer que a única razão por que continua vivo é para poder ver o *bar mitzvá* do Sam.

— Mais uma razão para o cancelarmos.

— E queríamos que o Sam soubesse que é judeu.

— Havia alguma hipótese de ele não saber isso?

— *Ser* judeu.

— Judeu, sim. Mas *religioso*?

Jacob nunca sabia como responder à pergunta: «É religioso?» Nunca tinha não pertencido a uma sinagoga, nunca tinha não feito algum gesto para cumprir a *kashrut*¹, nunca tinha não partido do princípio — mesmo nos momentos de maior frustração com Israel, com o pai, com os judeus americanos, com Deus ou com a ausência de Deus — de que iria criar os filhos com algum grau de literacia e prática judaicas. Mas as duplas negativas nunca foram sustento de qualquer religião. Ou, como viria a dizer o irmão de Sam, Max, no seu discurso de *bar mitzvá* três anos mais tarde: «Só nos é dado guardar o que recusamos deixar.» E, por muito que Jacob desejasse a continuidade (da história, da cultura, do pensamento e dos valores), por muito que quisesse acreditar na existência de um significado mais profundo ao alcance não só de si como dos seus filhos e dos filhos deles — a luz brilhava-lhe por entre os dedos.

Quando tinham começado a namorar, Jacob e Julia falavam muitas vezes de uma «religião a dois». Teria sido embaraçoso, se não tivesse sido enaltecedor. O seu sabbat²: todas as sextas-feiras à noite, Jacob lia uma carta que escrevera a Julia ao longo da semana, e ela recitava um poema de cor; e, à luz de velas, com o telemóvel desligado, os relógios escondidos debaixo da almofada do cadeirão de veludo encarnado, comiam lentamente o jantar que tinham lentamente cozinhado juntos; e punham um banho a correr e faziam amor enquanto o nível da água subia. Passeios ao pôr-do-sol às quartas-feiras: o caminho tornara-se ritualizado, involuntariamente, percorrido uma e outra vez, semana após semana, até o passeio ter o caminho deles impresso — imperceptivelmente, mas presente. No *Rosh Hashaná*³, em vez de irem ao serviço religioso, faziam o ritual de *taschlich*: atiravam migalhas de pão, simbólicas dos arrependimentos do ano que terminava, ao rio Potomac. Algumas afundavam-se, outras eram levadas pela corrente até outras margens,

¹ Leis alimentares judaicas, que especificam os alimentos que podem ser consumidos, dividindo-os em *kosher* (próprios para consumo) e *treif* (impróprios para consumo). (*N. da T.*)

² No judaísmo, dia santo de repouso e oração. (*N. da T.*)

³ Ano novo judaico. (*N. da T.*)

outras ainda eram apanhadas pelas gaivotas para alimentar as suas crias ainda cegas. Todas as manhãs, ao acordar, Jacob beijava Julia entre as pernas — não no sentido sexual (o ritual prescrevia que o beijo nunca levasse a nada), mas no sentido religioso. Em viagem, começaram a coleccionar objectos cujo interior parecia ser maior do que o exterior: o oceano contido numa concha, uma fita de máquina de escrever usada, o mundo num espelho fumado. Tudo parecia encaminhar-se para o ritual — Jacob a ir buscar Julia ao emprego às quintas-feiras, o café que bebiam juntos de manhã em silêncio, Julia a substituir os marcadores de livros de Jacob por pequenos recados —, até que, como um universo que se expande até ao limite e depois se contrai até ao seu início, tudo se começou a desfazer.

Algumas noites de sexta-feira eram demasiado tarde, algumas quartas-feiras de manhã eram demasiado cedo. Depois de uma conversa mais difícil, não havia beijo entre as pernas e, se não nos sentirmos generosos, quantas coisas podemos realmente considerar maiores por dentro que por fora? (O ressentimento não se pode pôr na prateleira.) Agarravam-se ao que podiam, e tentavam não reconhecer quão seculares se tinham tornado. Mas, de vez em quando, normalmente num momento daquela atitude defensiva que, apesar dos apelos dos melhores anjos, simplesmente não resiste a tomar a forma de culpa, um deles afirmava: «Tenho saudades dos nossos sabats.»

O nascimento de Sam parecera uma segunda oportunidade, bem como o de Max e o de Benjy. Uma religião a três, a quatro, a cinco. Marcavam ritualmente as alturas dos filhos na soleira da porta no primeiro dia de cada ano — secular e judaico — sempre no início da manhã, antes de a gravidade exercer o seu efeito compressor. Atiravam resoluções para a fogueira no dia 31 de Dezembro. Levavam o *Argus* a passear em família todas as terças-feiras, depois de jantar, e liam os boletins da escola a caminho da Vace, para beber *aranciatas* e *limonatas* italianas, de outro modo proibidas. Os miúdos eram aconchegados numa determinada ordem, de acordo com certos protocolos complexos, e, quando qualquer um deles fazia

anos, dormiam todos na mesma cama. Respeitavam muitas vezes o sabat — tanto como testemunho embaraçado de uma religião como a devoção religiosa — com o *challá*¹ da Whole Foods, sumo de uva *Kedem*² e velas de cera de abelhas em vias de extinção em candelabros de prata de antepassados extintos. Depois das bênçãos, e antes de comer, Jacob e Julia iam ter com cada um dos filhos e, segurando-lhes a cabeça nos braços, sussurravam-lhes ao ouvido algo que eles tinham feito essa semana e de que os pais se orgulhavam. A intimidade extrema dos dedos no cabelo, o amor que não era secreto mas tinha de ser sussurrado, fazia estremecer os filamentos das lâmpadas de intensidade reduzida.

Depois do jantar, cumpriam um ritual cuja origem nenhum deles recordava e cujo sentido não punham em questão. Fechavam os olhos e caminhavam pela casa. Podiam falar, fazer disparates ou rir-se, mas a sua cegueira acabava sempre por se tornar silenciosa. Com o passar do tempo, desenvolveram uma tolerância para com o silêncio e a escuridão, e o ritual podia durar dez minutos, depois vinte. Reencontravam-se à mesa da cozinha e abriam os olhos juntos. Cada vez que isso acontecia era revelador. Eram duas as revelações: a estranheza de um lar em que as crianças tinham vivido toda a vida, e a estranheza da visão.

Um sabat, a caminho de visitar o bisavô Isaac, Jacob disse aos filhos:

— Uma pessoa embebeda-se numa festa, e atropela e mata uma criança a caminho de casa. Outra fica igualmente bêbeda, mas chega a casa em segurança. Porque é que a primeira pessoa vai presa para o resto da vida e a segunda tem o direito de acordar no dia seguinte como se nada tivesse acontecido?

— Porque matou uma criança.

— Mas, no que fizeram mal, são igualmente culpadas.

— Mas o segundo tipo não matou uma criança.

— Não por ser inocente, mas por ter tido sorte.

¹ Pão trançado consumido no sabat e na Páscoa judaica. (*N. da T.*)

² Marca muito conhecida de vinhos e sumos *kosher*. (*N. da T.*)